

Criatividade em Estudantes Universitários

Validação Preliminar do CREA em Portugal

Joana Duarte¹ (joananobreduarte@gmail.com), Susana Imaginário¹ (a24936@ualg.pt)

e Saul Neves de Jesus¹ (snjesus@ualg.pt)

Resumo

Na sociedade moderna, as mudanças são cada vez mais rápidas e profundas, exigindo constantes esforços de adaptação. No que compete à criatividade, esta não deve ser entendida apenas como um fenómeno de natureza intrapsíquica, uma vez que são vários os factores ambientais que influenciam e mobilizam o seu potencial. A importância de percebermos a dinâmica dos processos criativos contribuirá para uma melhor adaptação ao ritmo de vida acelerado e à resolução implícita de problemas a que a sociedade em geral nos obriga.

Nos últimos anos, têm sido construídas provas estandarizadas com o objectivo de avaliar as capacidades criativas dos sujeitos. Uma dessas provas é o Teste de Inteligência Criativa CREA (2003), elaborado por Corbalán Berná, Martínez Zaragoza, Donolo, Alonso Monreal, Tejerina Arreal e Limiñana Gras, que visa a apreciação da Inteligência Criativa, através da avaliação cognitiva da criatividade individual segundo a elaboração de questões, num contexto teórico de busca de solução de problemas.

Este artigo tem como objectivo a adaptação para os estudantes portugueses da sub-escala B do CREA (Corbalan et al., 2003), tendo sido utilizada para o efeito uma amostra de 157 estudantes universitários da Universidade do Algarve. Os resultados demonstram que a prova está adequada para a população universitária portuguesa apresentando valores médios de criatividade. Por outro lado, observa-se que as características da amostra se aproximam mais da população argentina do que da espanhola.

Palavras-chave: Criatividade, CREA, Ensino Superior.

¹ Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Psicologia, Faro - Membros do Instituto de Psicologia Cognitiva, linha de Investigação Saúde e Bem-Estar

² Para esclarecimentos futuros acerca deste trabalho contacte Joana Duarte (joananobreduarte@gmail.com)

Abstract

In modern society, changes are quicker and deeper than ever before, demanding constant efforts of adjustment. Concerning creativity, it should be understood as a phenomenon of intrapsychic nature, since there are several environmental factors that influence and mobilize its potential. The importance of understanding the dynamics of creative processes will contribute to a better adjustment to a fast life pace and to the implicit resolution of problems that society in general imposes on us.

In recent years, standardized testes have been built with the goal of assessing the creative abilities of subjects. One of these tests is the Creative Intelligence Test, CREA (2003), conceived by Corbalán Berná, Martínez Zaragoza, Donolo, Alonso Monreal, Tejerina Arreal and Limiñana Gras, which aims to appreciate Creative Intelligence, through the cognitive assessment of individual creativity according to the elaboration of questions in a theoretical context of search for the solution of problems.

This article's purpose is to adapt the B sub-scale of CREA (Corbalan et al., 2003) to Portuguese students. Thus, it was used a sample of 157 college students from the University of Algarve. The results show that this test is appropriate for the Portuguese population of college students, presenting average values of creativity. On the other hand, it is possible to observe that the characteristics of our sample are closer to the ones showed by the Argentinian population rather than the Spanish one.

Palavras-chave: Creativity, CREA, High Education.

Introdução

De acordo com Vygotski (1990 cit. por Zanella, Ros, Reis & França 2003), a possibilidade de criar surge, no desenvolvimento humano, em consonância com a constituição da consciência, e revela uma relação entre o homem e o meio envolvente que supera a simples reprodução do que já é conhecido. O uso de ferramentas psicológicas, ou seja, de produções simbólicas que permitem conhecer e comunicar a realidade, possibilita o desenvolvimento de processos psicológicos superiores e da consciência, a qual se relaciona, deste modo, com a actividade criadora. O contacto com padrões estéticos, modos de trabalhar matérias-primas, enfim, a apropriação do que há disponível socialmente revela também que, em toda criação individual há sempre um coeficiente social (Vygotski, 1990 cit. por Zanella et. al 2003). Neste sentido, o sujeito é capaz de criar justamente a partir dos/nos encontros que estabelece com outros sujeitos, encontros esses mediatizados pelas possibilidades e limites das relações sociais em cada momento histórico. Vygotski defende ainda que (1990 cit. por Zanella et. al 2003), a actividade criadora realiza-se de forma circular e envolve diversos processos psicológicos superiores, entre os quais se destacam: 1) a percepção de determinados aspectos da realidade e a acumulação, pela memória, dos elementos mais significativos para o sujeito dentre a totalidade dos aspectos percebidos; 2) a reelaboração desses elementos através da fantasia, processo no qual estão presentes tanto a cognição quanto a vontade e o afecto, cuja influência nas combinações da imaginação se dá através da atracção exercida pelo signo emocional comum; e, finalmente, 3) a objectivação do produto da imaginação, a qual, ao materializar-se na realidade, traz consigo uma nova força, que se distingue pelo seu poder transformador frente à realidade da qual partiu. Logo, ao ser objectivada, a criação materializa os projectos imaginativos do seu produtor. Desse modo, a psicologia histórico-cultural pressupõe que a imaginação, ao condensar fragmentos diversos oriundos da vivência social de cada ser humano, permite projectar o que ainda não existia concretamente, constituindo-se assim como condição para toda e qualquer transformação em diferentes esferas da realidade. Nesta perspectiva, portanto, não se pode definir a criatividade como um dom ou como algo inerente ao sujeito, pois a possibilidade de criar resulta de um aprendizado que pode ocorrer ao longo da história de cada pessoa. Esta, por sua vez, está irremediavelmente ligada ao contexto histórico e, portanto, às condições concretas de que o sujeito dispõe

para actuar e conhecer, já que a actividade caracteristicamente humana é semióticamente mediada, enfim, cultural (Zanella et. al 2003).

Nos mais diversos cenários, a criatividade tem sido reconhecida como relevante para o desenvolvimento e compreensão do ser humano e das suas manifestações. Como por exemplo, as investigações sobre a criatividade que têm sido realizadas no âmbito da psicoterapia (Santeiro, 2000; Settlage, 1996; Winnicott, 1971/1975 cit. por Santeiro, Santeiro & Andrade, 2004), do trabalho (Alencar, 1996; Henrique, 1999; Reis, 2001 cit. por Santeiro et. al, 2004) e do ensino (Alencar, 1998; Teixeira & Alencar, 2000; Wechsler, 1994, 2001 cit. por Santeiro et. al, 2004). De uma perspectiva geral, o desenvolvimento dos estudos voltados para a criatividade partiu de uma série de contribuições unidimensionais e teoricamente orientadas (por exemplo: da psicanálise, da gestalt, do humanismo; Alencar & Fleith, 2003^a cit. por Santeiro et. al, 2004), marcadas por falta de consenso quanto ao seu entendimento e definição (Parkhurst, 1999 cit. por Santeiro et. al, 2004), e têm caminhado para uma visão que compreende os seus vários aspectos, num enfoque multidimensional (Wechsler, 1999 cit. por Santeiro et. al, 2004).

Segundo Runco e Sakamoto (1999), a criatividade encontra-se entre as mais complexas condutas humanas e parece estar influenciada por uma ampla série de experiências evolutivas, sociais e educativas que se manifesta de diversas maneiras e em diferentes contextos.

Segundo esse ponto de vista, a criatividade deve ser entendida considerando-se desde características intrínsecas da pessoa criativa (personalidade, habilidades cognitivas) até ao ambiente mais amplo onde esta se insere (família, escola, trabalho), sendo que essas instâncias actuam reciprocamente umas sobre as outras. A partir de uma interacção dinâmica entre esses diversos aspectos, a realização plena da pessoa criativa torna-se facilitada (Wechsler, 1999 cit. por Santeiro et. al, 2004).

Por outro lado, é de salientar que são muitos os factores que podem influenciar a criatividade, entre os quais podemos destacar a motivação e o sono. No que se refere à motivação, verifica-se que a predisposição do indivíduo para a realização de determinada tarefa criativa pode comprometer o resultado da mesma (Runco, 2007; Siqueira & Wechsler, 2009). Concernentemente à qualidade e quantidade do sono, verifica-se que dormir proporciona não só o descanso físico e psicológico, mas também

potencia o aumento da criatividade, possibilitando até mesmo a resolução de problemas particulares (Jesus, 1988).

A pertinência de se utilizar o teste CREA prende-se com o facto de este ser um dos testes mais utilizado na área da Criatividade em diversas investigações com estudantes universitários (Mon, 2008; Martínez & Martínez, 2008; Martínez & Martínez, 2009).

Método

Amostra

A amostra é constituída por 157 alunos da Universidade do Algarve, com idades compreendidas entre os 18 e os 47 anos (M 21.31, DP 4.73), sendo a maior parte do sexo feminino (82.8%).

Os alunos encontram-se distribuídos por 5 cursos (Economia 9.6%, Psicologia 42%, Enfermagem 35%, Farmácia 4.5% e Artes Visuais 8.9%), que se dividem por 2 faculdades (FE 9.6%, FCHS 51%) e uma escola superior (ESSauF 39.5%). Além disso, 56.7% frequentam o 1º ano do curso e 43.3% o 3º ano.

Instrumentos

Foi elaborado um *Questionário Sócio-Demográfico* para a recolha dos dados sócio-demográficos dos participantes, nomeadamente sexo, idade, curso universitário e ano.

O *CREA – Inteligência Criativa* foi desenvolvido por Corbalán e colaboradores em 2003 e tem como objectivo avaliar a inteligência criativa através de uma análise cognitiva da criatividade individual segundo um indicador de formulação de questões num contexto teórico na busca de solução de problemas.

Corbalán (2003) utiliza como procedimento para medir a criatividade, a capacidade do sujeito formular questões a partir de um material gráfico apresentado, sendo a utilização de perguntas para medir a criatividade um procedimento inovador.

O CREA proporciona uma pontuação directa (PD) que deve ser consultada nos barões correspondentes para obter uma pontuação percentílica (PC) sendo esta posteriormente interpretada. Para tal os autores apresentam uma tabela de critérios interpretativos gerais, sobre as características criativas dos sujeitos baseados nos percentis e agrupados segundo a pontuação obtida na respectiva prova, como criatividade alta, média ou baixa. Por exemplo, a posição alta indica que os sujeitos têm excelentes possibilidades para desenvolver tarefas de inovação e produção criativa.

É de referir ainda que, dado o CREA não estar adaptado para a população portuguesa, na análise da prova pode-se optar entre a adopção da aferição à população espanhola ou à argentina.

Este teste pode ser aplicado de forma individual ou colectiva a adolescentes e adultos, sendo de aplicação individual exclusiva a crianças entre os 6 e os 9 anos. Além disso, inclui versões destinadas a adolescentes e adultos (A e B) e uma para crianças (C), sendo que esta última pode ser aplicada a adolescentes assim como a versão A pode ser utilizada em crianças dos 10 aos 11 anos.

É de notar que o CREA apresenta bons valores de fiabilidade e validade, tendo obtido resultados satisfatórios quando correlacionado com outras provas de criatividade (Corbalán et al., 2003; Zaragoza, 2003), como por exemplo a Bateria de Criatividade de Guilford.

Procedimento

Após contacto prévio com os professores dirigentes dos diversos cursos pretendidos, requisitou-se a todos os alunos da turma que, em contexto de sala de aula, preenchessem de forma voluntária os questionários disponibilizados. Antes da aplicação dos questionários todas as instruções subjacentes à realização do mesmo foram explicadas detalhadamente aos inquiridos, que tiveram a opção de participar, ou não, no estudo.

A duração da aplicação variou de acordo com cada participante, tendo demorado entre 15 a 25 minutos.

Resultados

No presente trabalho, foram formuladas uma média de 8 perguntas por cada aluno (DP 4), sendo de notar que 10 inquiridos não responderam ao teste, não se tendo verificado espaços vazios entre perguntas formuladas. Por outro lado, foram anuladas um total de 73 respostas e atribuídos um total de 28 pontos extra (tabela 1).

Tabela 1: mínimo, máximo, média, desvio-padrão e valores totais obtidos por cada variável do CREA - número de perguntas formuladas (N), número de espaços vazios entre as perguntas formuladas (O), número de perguntas formuladas anuladas (Na) e número de pontos extra (Ex).

	Min	Max	M	DP	Total
N	0	26	7,63	4,749	1198
O	0	0	,00	,000	0
Na	0	9	,46	1,700	73
Ex	0	4	,18	,560	28

Uma vez que o objectivo deste trabalho consiste na avaliação da criatividade enquanto medida global foi necessário converter os resultados segundo seguinte fórmula:

$$\mathbf{N - O - Na + Ex}$$

O que permitiu concluir que, em termos de pontuação directa, a criatividade oscila entre -9 e 26 (M 7.34, DP 5.64).

No entanto, é necessário ter em conta que o valor total da criatividade enquanto resultado não tem grande significado, pelo que o melhor modo de o compreender é traduzindo-o em percentis. Tal como fora referido anteriormente, o CREA não está

validado para a população portuguesa, pelo que os valores apresentados se referem à aferição do mesmo à população espanhola e argentina.

De acordo com os dados da adaptação espanhola observou-se que os participantes localizam-se em média no percentil 15 (tabela 2), sendo que 83.4% se centra num percentil baixo (entre 1 e 25), 12.1% num percentil médio (25-74) e 4.5% num percentil alto (75-100).

Já segundo a validação argentina, os inquiridos situam-se em média no percentil 48 (tabela 2), observando-se que 27.4% se localiza num percentil baixo, 52,2% num percentil médio e 20,4% num alto.

Tabela 2: distribuição dos valores mínimo, máximo, média e desvio-padrão obtidos no estabelecimento de percentis segundo a validação espanhola e segundo a validação argentina.

	Min	Max	M	DP
Espanhola	0	90	15,07	21,068
Argentina	0	98	47,89	27,049

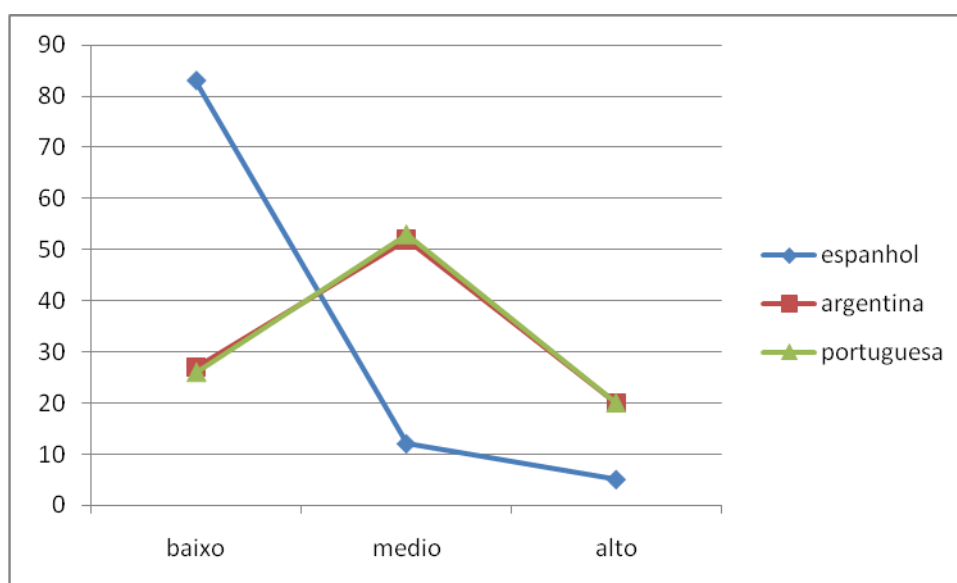
À semelhança do realizado nas versões espanhola e argentina procurou-se distribuir os participantes por percentis criados com base nos resultados obtidos, verificando-se que 52,9% dos inquiridos se encontram num percentil médio (tabela 3), tendo como média o percentil 46 (DP 29).

Tabela 3: distribuição dos percentis obtidos na adaptação portuguesa - frequência e percentagem de inquiridos

	1	9	10	12	18	27	34	41	54	68	73	79	83	86	88	90	91	92	93	95	97	99
F	13	1	3	10	15	11	10	22	22	7	11	6	4	3	4	3	1	1	3	3	3	1
%	8,3	,6	1,9	6,4	9,6	7	6,4	14	14	4,5	7	3,8	2,5	1,9	2,5	1,9	,6	,6	1,9	1,9	1,9	,6
	Baixo							Médio							Alto							
F	42							83							32							
%	26,8							52,9							20,4							

Segundo os valores anteriormente verificados, foi-nos possível observar que na adaptação preliminar estes se aproximavam bastante aos encontrados quando se utilizou os percentis da adaptação argentina, sendo essa semelhança ainda mais notória no gráfico 1.

Gráfico 1: distribuição da amostra por percentis baixo, médio e alto segundo adaptação para a população espanhola, argentina e portuguesa.



Quando se relacionou o CREA com as restantes variáveis sócio-demográficas foi possível observar que o sexo feminino apresenta valores mais elevados de criatividade em todos os níveis (81% nível baixo, 84,3% médio e 81,3% elevado; $t(60.5)$, $p = .000$).

Resultado semelhante foi obtido com o ano frequentado, sendo que os alunos do 1º ano apresentam valores mais elevados de criatividade (54,8% nível baixo, 57,8% médio e 56,3% elevado; $t(23.5)$, $p = .000$).

Por outro lado, concluiu-se que os alunos da FCHS apresentam valores baixos (61,9%) e medianos (51,8%) de criatividade, enquanto que os da ESSauF evidenciam valores mais elevados (65,6% respectivamente; $t(24.6)$, $p = .000$).

Além disso, verifica-se que a criatividade e a faculdade proveniente se correlacionam positivamente a um nível de significância de .001 (.337). Para melhor estudar esta relação considerou-se pertinente avaliar as faculdades separadamente e não como uma variável única, observando-se então que a criatividade se correlaciona positivamente com a ESSauF a um nível de significância de .001 (.319) e negativamente com a FCHS (-.191) e com a FE (-.207), sendo a primeira a um nível de .005 e a segunda a um nível de .001.

Por último, quando se procurou averiguar quais as variáveis que poderia prever a criatividade (método Stepwise) observou-se que a ESSauF influencia em 9% os valores obtidos (β .299, t 3.893, Sig .000).

Discussão

O CREA (Corbalán et al., 2003) tem-se revelado como um instrumento significativo na avaliação da criatividade, principalmente para a população espanhola e a argentina (por exemplo Zaragoza, 2003), pelo que se considera pertinente a sua adaptação para a população portuguesa. Neste sentido, o presente estudo contribui para a validação da versão B numa população de estudantes universitários.

Ao analisar os dados considerou-se pertinente não cingir a utilização da validação da prova a uma população, mas sim analisar estes segundo ambas as versões. Assim, segundo os percentis da população espanhola observou-se que a maior parte dos inquiridos se localiza num percentil baixo, enquanto que de acordo com a validação argentina, os participantes encontram-se predominantemente num percentil médio.

No entanto, visto o objectivo principal deste trabalho ser a adaptação do CREA para a população portuguesa, a amostra foi dividida por percentis, concluindo-se que a maior parte está incluído num percentil médio. Assim, é notório que os valores obtidos pela população portuguesa se aproximam mais dos da argentina.

Corbalán e colaboradores (2003) fazem uma breve caracterização das pessoas que se dividem pelos diferentes níveis de criatividade. Neste sentido, os autores defendem que um indivíduo que se enquadre num nível médio de produção criativa não

se destaca pela sua capacidade de inovação e criação, ou por uma busca activa de soluções alternativas para os seus problemas, no entanto, em condições favoráveis apresenta os recursos necessários para o fazer. Entende-se que estes demonstram facilidade de adaptação e uma boa possibilidade de desenvolvimento criativo. A nível académico, são ainda alunos que evidenciam uma boa colaboração com os docentes, um bom seguimento do programa curricular e uma boa flexibilidade conceptual, pecando na sua maioria por um baixo sentido crítico.

No presente trabalho verificou-se que as mulheres apresentam valores mais elevados de criatividade do que os homens, resultado que contradiz o obtido por Martinez e Martinez (2008), onde as mulheres apenas se inserem num nível baixo e médio. No entanto, é necessário ter em conta que 83% da amostra é composta por mulheres, o que pode condicionar estes mesmos valores.

No que se refere à diferenciação em termos de anos, foram obtidos resultados semelhantes aos de Martinez e Martinez (2008), observando-se que os alunos do 1º ano apresentam valores mais elevados de criatividade do que os que frequentam o 3º ano. É de sublinhar que este resultado não era o previsto, pois aguardava-se que os alunos à medida que avançassem no seu percurso académico aumentassem o seu produto criativo. Assim sendo, era esperado que através da aquisição de novos conceitos e competências académicas os estudantes se tornassem mais aptos na resolução de problemas, quer por insight quer por descoberta, não só a nível escolar, mas também nas restantes áreas da sua vida.

Neste sentido, através desta conclusão, pode-se supor que as estratégias de ensino utilizadas poderão não estimular os alunos ao nível do sentido crítico e até da autonomia, não fomentando assim a evolução do processo criativo, o que poderá ser também influenciado pelo facto da maior parte dos cursos inquiridos apenas apresentar uma componente mais prática no último ano escolar. Por outro lado, pode ser considerada que não houve uma correcta assimilação e acomodação dos conceitos próprios do processo de aprendizagem universitária por parte dos estudantes.

Devido ao tamanho da amostra optou-se por realizar uma análise inter-faculdades, onde se verificou que os alunos da Escola Superior de Saúde de Faro apresentavam os valores mais elevados de criatividade, sendo até a única faculdade que se correlacionava positivamente com esta e a única que apresentava valor preditivo.

Neste sentido, os dados obtidos revelam a existência de uma relação bastante vinculada entre a ESSauF e a Criatividade. Aliás, nos estudos realizados por Martinez e Martinez (2008; 2009) observou-se que o curso de enfermagem apresenta valores de criatividade médio-altos. É de notar que esta diferença se poderá dever ao facto destes cursos terem uma componente prática bastante implícita, marcada essencialmente pela realização de vários estágios académicos ao longo da licenciatura (um por ano). Neste sentido, é possível que estes alunos evidenciem uma estimulação constante ao nível da gestão de resolução de problemas perante os enigmas práticos com que se deparam desde o 1º ano. Por outro lado, este carácter mais prático em relação a outros cursos da Universidade do Algarve poderá influenciar também as metodologias de ensino adoptadas, que tenderão a ser mais objectivas e activas e não tão rígidas como ocorre predominantemente nos cursos mais teóricos.

É necessário ter em conta que a amostra utilizada apresenta algumas limitações, principalmente ao nível da sua dimensão, isto é, esta é composta por 150 alunos enquanto a adaptação espanhola e argentina é composta por mais de 1000 participantes. Por outro lado, é necessário ter em conta que esta não se encontra equilibradamente dividida em termos de sexo, curso e faculdade, por exemplo a Faculdade de Economia tem apenas 15 participantes e apenas existem 30 homens, sendo então necessário nivelar estes aspectos.

É de notar que a prova poderá não estar adaptada para todo o tipo de pessoas, isto é, poderá não ser suficientemente estimulante do ponto de vista cognitivo para alguns alunos, o que eventualmente poderá justificar alguns não terem respondido à prova, ou até mesmo, negligenciá-la.

Assim, considera-se pertinente que em estudos futuros se utilize uma amostra maior e que esta possa ser dividida não só em termos de faculdades provenientes, mas também por áreas, como por exemplo, artistas, economistas, investigadores, permitindo assim o estudo de casos particulares.

Considera-se igualmente pertinente a realização de um trabalho de validação das restantes versões, A e C, nas suas diferentes populações abrangentes, nomeadamente crianças, adolescentes e adultos, possibilitando também a comparação dos seus valores dentro das amostras de adolescentes (versão A, B e C) e adultos (versão A e B).

Por último, à semelhança do que se tem realizado em outros estudos (Martinez & Lozano, 2008), considera-se pertinente relacionar o CREA com outras medidas de avaliação, procurando verificar a existência de semelhanças ou diferenças nos resultados.

Referências Bibliográficas

- Corbalán J.B., Zaragosa, F.M., Donolo, D.S., Monreal, C.A., Arreal, M.T. & Gras, R.M. (2003). *CREA. Inteligencia Creativa. Una medida Cognitiva de la Creatividad*. Madrid: TEA Ediciones.
- Jesus, S. N. (1988). Sono: Em busca de criatividade. *Revista Universitária de Psicologia*, vol 1, nº 1, p. 3-7.
- Martínez, A. P. & Martínez, O.L. (2008). Perfil Creativo de un Grupo de Estudiantes de Enfermería. *Enfermería Global*, nº13, p.1-10.
- Martínez, A. P. & Martínez, O.L. (2009, pre-print). ¿Existe Relación entre Creatividad y Preferencia Estilística en un Grupo de Alumnos de Enfermería? *Anales de Psicología*.
- Martinez, O.L. & Lozano, J. N. (2008). Estudio Comparativo entre Medidas de Creatividade: TTCT vs CREA. *Anales de Psicología*, vol 24, nº 1, p. 138-142.
- Mon, F. E. (2008, Junho). Análisis del Estado de la Creatividad de los Estudiantes Universitarios. Comunicação apresentada no Congresso Internacional “L’estudiant, eix del canvi a la universitat” (UNIVEST 08), Junho 2008. Girona, Espanya.
- Morais, M.F. (2001). *Definição e Avaliação da Criatividade*. Braga: Psiquilíbrios.
- Pesce, R.P., Assis, S.G., Santos, N. & Oliveira, R. C. (2004). Risco e Protecção: Em busca de um Equilíbrio Promotor da Resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.20, nº2, p.135-143.
- Pinheiro, D.P.N. (2004). A Resiliência em Discussão. *Psicologia em Estudo*, v.9, nº1, p.67-75.

- Runco, M. & Sakamoto, S. (1999). Experimentals studies of Creativiry. Em R.J. Stenberg (Ed.), *Handbook of creativity*. New York: Cambridge University Press.
- Runco, M. (2007). *Creativity – Theories and Themes: Research, Development and Practice*. Londres: Elsevier Academic Press.
- Santeiro, T.V., Santeiro, F. R. M. & Andrade, I. R. (2004). Professora Facilitador e Inibidor da Criatividade segundo Universitários. *Psicologia em Estudo*, v.9, nº1, p. 95-102.
- Siqueira, L. & Wechsler, S. (2009). Motivação para a aprendizagem escolar e estilos criativos. *Educação Temática Digital*, vol 10 (nº especial Motivação), pp 124-146
- Souza, M. T. S. & Cernevy, C.M.D. (2006). Resiliência Psicológica: Revisão da Literatura e Análise da Produção Científica. *Revista Interamericana de Psicologia*, v.40, nº1, p.119-126.
- Zanella, A.V., Ros, S.Z., Reis, A.C. & França, K.B. (2003). Concepções de criatividade: Movimentos em um Contexto de Escolarização Formal. *Psicologia em Estudo*, v.8, nº1, p.143-150.
- Zaragoza, F. A. M. (2003). Características Psicométricas del CREA (Inteligencia Creativa). Un Estudio com Población Española y Argentina. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, v.16, nº2, p. 71-83.